

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL - CAMPUS ERECHIM

PROTAGONISMO FEMININO: INFLUÊNCIAS DOS FILMES DE PRINCESAS DA DISNEY PARA UMA EDUCAÇÃO FEMINISTA

PATRICIA MARTINS DE ARAUJO

ORIENTADORA: PROFESSORA Dr^a ZORAIA AGUIAR BITTENCOURT



ERECHIM

2017



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL - UFFS
CAMPUS ERECHIM
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

PATRICIA MARTINS DE ARAUJO

**PROTAGONISMO FEMININO: INFLUÊNCIAS DOS FILMES DE PRINCESAS DA
DISNEY PARA UMA EDUCAÇÃO FEMINISTA**

ERECHIM
2017

PATRICIA MARTINS DE ARAUJO

**PROTAGONISMO FEMININO: INFLUÊNCIAS DOS FILMES DE PRINCESAS DA
DISNEY PARA UMA EDUCAÇÃO FEMINISTA**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação
apresentado como requisito para obtenção de
grau de Licenciado em Pedagogia pela
Universidade Federal da Fronteira Sul – Campus
Erechim.

Orientadora: Professora Dr^a Zoraia Aguiar
Bittencourt.

ERECHIM
2017

PROGRAD/DBIB - Divisão de Bibliotecas

Araujo, Patricia Martins de

Protagonismo Feminino: influências dos filmes de
princesas da disney para uma educação feminista /
Patricia Martins de Araujo. -- 2017.

53 f.:il.

Orientadora: Zoraia Aguiar Bittencourt .

Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de
pedagogia , Erechim, RS , 2017.

1. gênero . 2. feminismo. 3. cinema . 4. princesas.
5. mídia . I. , Zoraia Aguiar Bittencourt, orient. II.
Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

Elaborada pelo sistema de Geração Automática de Ficha de Identificação da Obra pela UFFS
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

PATRICIA MARTINS DE ARAUJO

**PROTAGONISMO FEMININO: INFLUÊNCIAS DOS FILMES DE PRINCESAS DA
DISNEY PARA UMA EDUCAÇÃO FEMINISTA**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação apresentado como requisito para obtenção de grau de Licenciado em Pedagogia pela Universidade Federal da Fronteira Sul – Campus Erechim.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Zoraia Aguiar Bittencourt


Aprovado em: 11/12/2017

BANCA EXAMINADORA



Prof^ª Me. Aline Andréa Arpini (CRAS/Paulo Bento)

Deputada Estadual Manuela D'Ávila



Prof^ª Dr^ª Ivone Maria Mendes Silva (UFFS/Erechim)



Prof^ª Dr^ª Zoraia Aguiar Bittencourt (UFFS/Erechim)

Dedico este trabalho à minha família, às amigas e amigos que sempre estiveram junto a mim, incentivando-me e apoiando-me em todas as minhas decisões, dando coragem para enfrentar os desafios em busca da concretização de meus objetivos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à minha família, à minha mãe, Maria Nadir Martins de Araujo, pela sua força e esforços para me manter em pé, por ser essa mulher maravilhosa que me inspira diariamente. Diria que ela é minha influência feminista. Mesmo ela não se denominando assim ou não entendendo na teoria, ela faz melhor: vive o feminismo na pele.

Meu amado pai, Pedro Carlos Martins de Araujo, pelo amor e suporte, pelos conselhos e as noites passadas em claro me esperando de madrugada para que eu chegasse em segurança em casa. Você é um homem admirável.

Aos meus irmãos, Andressa Miranda de Araujo, Claudia Martins de Araujo, Mariana Martins de Araujo e Edson Miranda, obrigada pelo apoio e por entenderem a minha ausência em dias importantes. Amo vocês, família buscapé!

Não poderia esquecer delas, as pessoas que viveram esse Trabalho de Conclusão de Curso junto comigo, Liah, a amiga feminista que me inspirou o tempo todo e me ajudou com as lágrimas e angústias; Tatiane, a pessoa que viveu o processo diário de escrita e me apoiou; Alice, minha pessoa, obrigada por me dar suporte, por estar comigo nos dias de descobertas e nos de choro. Enfim, a todas as amigas importantes que fizeram parte do processo: Aurora, Giovanna, Rhuane e José. Amo vocês!

A esta universidade e, principalmente, a alguns professores, por me proporcionarem a possibilidade de crescimento acadêmico, incentivando a autonomia e reflexão diante da realidade aliada ao conhecimento teórico, indispensável para minha formação enquanto profissional.

Agradeço de coração a minha orientadora, Prof^a Dr^a Zoraia Aguiar Bittencourt, por todo o suporte nessa caminhada, por ser o exemplo de excelente profissional, por ter se tornado uma grande amiga, uma pessoa sensível e que conseguiu me incentivar até nos dias mais difíceis, por acreditar que faria(mos) um trabalho lindo. Tudo isso só foi possível porque tive uma orientadora maravilhosa. Eu sinto que cresci muito e grande parte desse crescimento tem a marca dela. Gratidão por tudo que me ensinou e tem me ensinado, não somente para a vida acadêmica, mas para além dela. Sejamos todas profissionais como ela!

O problema da questão de gênero é que ela prescreve como devemos ser em vez de reconhecer como somos. Seríamos bem mais felizes, mais livres para sermos quem realmente somos, se não tivéssemos o peso das expectativas de gênero.

Chimamanda Ngozi Adichie

RESUMO

A presente pesquisa propõe uma reflexão sobre a temática do *protagonismo feminino* com foco nas influências das princesas da Disney para uma educação feminista a partir da defesa de que a mídia possui um caráter pedagógico e que ela desempenha um papel social. Desta forma, os objetivos desse estudo foram analisar como o feminismo e o gênero vem se construindo dentro dos filmes de princesas da Disney, quais são os comportamentos esperados dessas princesas, que estereótipos de beleza estão atrelados à figura das princesas e como elas influenciam na visão de mundo das crianças. Ao buscar aproximação com o campo educacional, buscou-se analisar como essas produções influenciam na formação de padrões femininos e como eles se apresentam nos espaços escolares, procurando entender qual é o papel do educador no que diz respeito ao protagonismo feminino. Para pesquisa foram escolhidas seis princesas da Disney: Elsa, Mulan, Pocahontas, Esmeralda, Moana, Merida, as quais foram analisadas em relação aos aspectos físicos e visuais, comportamentais e afetivos. Na categoria de aspectos físicos e visuais, foram analisadas as vestimentas e as características físicas, como cor de pele, cor do cabelo e cor dos olhos, e também acessórios das princesas. Em relação a essa questão, podemos afirmar que elas se diferem das tradicionais, pois não possuem características iguais e trazem uma diversidade de cultura, raça, etnia etc. Na categoria de aspectos comportamentais, foram analisados seus comportamentos diante de determinados acontecimentos. Notou-se que as princesas, na maioria das vezes, vão contra os padrões esperados para poder fazer o que as deixa felizes e o que elas julgam ser certo. Na categoria de aspectos afetivos, foram analisadas as relações das princesas com seus pais, irmãos, animais e príncipes. Quanto a isso, foi possível perceber que a relação dessas princesas com a família, animais e amigos é forte e surge como possibilidade de enredo, sendo a relação com o príncipe não apenas de salvação. Por fim, foi discutido o papel da escola e do educador e da educadora, compreendendo que a escola e a mídia influenciam na educação das crianças e, nesse sentido, é preciso trabalhar na perspectiva de uma educação que possibilite o protagonismo feminino nos diferentes espaços.

Palavras-chave: Protagonismo Feminino. Mídia. Escola. Feminismo. Gênero

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. ESTUDO DE GÊNERO	14
3. FEMINISMO	17
4. PEDAGOGIA DA MÍDIA.....	20
4.1 DESENHO ANIMADO DA DISNEY	22
4.1.1 Princesas tradicionais.....	24
4.1.2 Princesas feministas.....	26
5. METODOLOGIA.....	28
6. ANÁLISE DE DADOS	31
6.1 ROMPENDO COM AS BARREIRAS DE ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO.....	40
6.2 PRINCESAS REBELDES?!	42
6.3 DESCONSTRUINDO A IDEIA DE AMOR ROMÂNTICO.....	43
7. PROTAGONISMO FEMININO E ESCOLA: UMA COMBINAÇÃO NECESSÁRIA..	47
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
REFERÊNCIAS.....	52

1. INTRODUÇÃO

Partindo da premissa de que vivemos em uma sociedade, na qual, culturalmente, se desenha a imagem e características de uma feminilidade aceitável, as mulheres vêm tentando, a partir de debates e movimentos feministas, ter voz e representatividade nos diferentes espaços de comunicação para que a sociedade comece a repensar o papel da mulher e também para que haja a desmistificação de um único padrão de beleza.

Padrão de beleza esse que vem sendo construído e firmado histórica e socialmente, com a contribuição da mídia principalmente, que diariamente vem mostrando como devemos nos portar, como agir, o que vestir e até qual é o nosso papel em um determinado grupo social. Torna-se, assim, a mídia, um educador ativo na formação e construção do que é ser mulher e do que deve ser feito para ser “aceito” socialmente.

A mídia tende a educar diferentes públicos, de diferentes formas, e a moldar a sociedade. O público em questão nesta pesquisa é o infantil, que possui um contato maior com produções de desenhos nos diferentes espaços, seja em casa, nas ruas e até na escola. Desde crianças somos ensinados a performar¹ e reproduzir determinadas atitudes através deste veículo, sendo o desenho animado um educador presente na vida das crianças.

De acordo com Magalhães (2003), com o passar dos anos vem se construindo uma nova sociedade, uma nova criança e, conseqüentemente, novas discussões sobre os desenhos infantis e seu papel pedagógico. Portanto, se cogita a ideia de que essa ‘nova criança’ passa a não ser mais um ser passivo diante de tais conteúdos, uma vez que a mesma interage e os incorpora de diversas maneiras, associando-os, assim, a assuntos do seu cotidiano.

Desta forma, sendo a mídia ferramenta formadora de opinião, acaba evidenciando alguns padrões sociais em desenhos infantis de princesas, uma vez que seu público-alvo, as crianças, associam o que veem nos desenhos com as suas vivências. O papel pedagógico da mídia é ativo na educação das crianças. Ela, cotidianamente, nos mostra como agir e qual é o papel do homem e da mulher na sociedade e nas diferentes situações. Neste sentido, “o cinema consiste numa importante tecnologia de gênero que, ao lado de outras tecnologias sociais e políticas, constitui

¹ O termo “performar” é muito utilizado pela autora Judith Butler, contudo concordo com Beauvoir (1970), quando ela defende que ninguém nasce mulher, mas é socialmente forçada/ensinada a ser uma, quando são obrigadas a usar ou fazer coisas atribuídas a elas e a diferenciá-las dos homens. É neste sentido que entendo a palavra performar.

sujeitos como masculinos e femininos de forma hierárquica e assimétrica” (MAIA; MAIA, 2014, p. 168).

Ao pensarmos em princesas e produções voltadas às crianças, logo nos vem em mente a Walt Disney, uma das maiores produtoras de princesas e de mundos encantados, sendo, assim, grande influenciadora social e formadora de regras e de modelos a serem seguidos. Suas produções são vivenciadas e experienciadas diariamente pelas crianças do mundo inteiro. A Disney “se insere numa rede de produtos que lhe permite construir um mundo de encantamento total e fechado em si mesmo” (GIROUX, 2004, p. 91), tornando sua influência algo que é passado de geração para geração.

Desta forma, socialmente, as produções de princesas aparecem com frequência em todos os espaços e representam uma determinada identidade de gênero. Muitas vezes suas imagens e representações ocupam espaços escolares, seja nas paredes das salas de aula ou nos materiais utilizados pelos alunos. As figuras humanas e modelos de comportamentos são ditados e padronizados, na maioria das vezes, por essas figuras.

Conforme Santos (2014), a exclusão entre os gêneros sempre existiu. Homens e mulheres são vistos como seres que pertencem a mundos diferentes, podendo, desta forma, serem tratados de forma diferenciada. Neste sentido, seria, então, papel do professor ser mediador na construção da identidade de seus alunos de forma igualitária, rompendo com essas imposições construídas socialmente e pensando na mídia como uma ferramenta que pode ser usada para mudar o olhar acerca dos “papéis” de cada gênero na sociedade, de uma forma a afirmar a capacidade de seus alunos independentemente do seu sexo.

Nessa direção, pretende-se analisar como o feminismo vem se construindo direta e indiretamente em filmes, bem como analisar discursos e suas representações sobre o papel da mulher. Os filmes escolhidos foram *Frozen*, *O corcunda de Notredame*, *Moana*, *Valente*, *Pocahontas* e *Mulan*. Partindo da análise das princesas Mulan, Moana, Esmeralda, Elsa, Pocahontas e Mérida, percebemos que elas fogem dos padrões que eram historicamente produzidos pelos estúdios de animação da Walt Disney, pois essas personagens possuem autonomia e criticam padrões sociais, o que as tornam ‘diferentes’ das princesas ‘tradicionais’, as quais se caracterizam como princesas submissas, que esperavam pela salvação vinda de um príncipe que aparece somente no final do filme, com finais estereotipados de felizes para sempre, uma família heteronormativa, filhos e casamento. As análises destas características se fazem importantes, uma vez que são influência na educação de crianças feministas e na

subjetivação do gênero feminino, sendo, nessa perspectiva, primordial um trabalho sobre a relação e a presença da mídia no âmbito escolar.

O presente trabalho está organizado em oito capítulos. No capítulo sobre Estudo de Gênero, analiso como o gênero vem se construindo e qual seu papel na escola e, por consequência, na sociedade. A seguir, o capítulo que discute a questão do Feminismo busca apresentar como o movimento vem se construindo e qual sua importância para educação e sociedade. Ao debater a Pedagogia da Mídia, pretende-se demonstrar como a mídia se faz pedagógica e qual seu papel social. Especificamente e para a discussão sobre Desenho animado da Disney, busca-se analisar a importância dos desenhos na formação de alguns padrões estereotipados. Nos capítulos Princesas tradicionais e Princesas feministas, serão analisadas as diferenças entre essas princesas. Na Metodologia, são apresentados os métodos utilizados no presente trabalho. No capítulo de Análise de dados, os materiais analisados foram divididos em categorias, as quais estão organizadas em: aspectos físicos e visuais, aspectos comportamentais e aspectos afetivos. No capítulo intitulado Protagonismo feminino e escola: uma combinação necessária, será discutido sobre a escola e seu papel quando se fala de protagonismo. Por último, encontra-se o capítulo da conclusão do trabalho, no qual estão descritos alguns apontamentos sobre as análises feitas durante o Trabalho de Conclusão de Curso.

2. ESTUDO DE GÊNERO

A distinção entre o feminino e o masculino se constrói ou se adquire antes mesmo do nosso nascimento, e até durante a gravidez, quando se descobre o sexo da criança. Ao nascer, a criança é inserida em uma sociedade na qual menina age de uma determinada forma e os meninos de outra. Tudo é determinado a partir do gênero e de seus estereótipos. Conforme Carvalho e Guizzo (2016), o masculino e o feminino são aprendidos nos meios sociais. Pode-se dizer, então, que somos ensinados a performar masculinidades e feminilidades desde muito cedo e em diferentes espaços.

Nessa perspectiva, são impostas a nós determinadas expectativas a partir do gênero ao qual “pertencemos”. Nossas capacidades são medidas pelo nosso gênero antes mesmo de nos construirmos como seres capazes de fazer qualquer coisa. Desta forma, “o problema da questão de gênero é que ela prescreve como devemos ser em vez de reconhecer como somos. Seríamos bem mais felizes, mais livres para sermos quem realmente somos, se não tivéssemos o peso das expectativas de gênero” (ADICHIE, 2015, p. 36). Um dos primeiros espaços sociais que reforçam estereótipos de gênero é a escola. Lá os meninos e meninas estão em contato com diversas formas de pensar e de ver o mundo. Cabe, então, aos educadores e às educadoras construir um espaço de mudanças que questione padrões comportamentais do que é *coisa* de menina e do que é *coisa* de menino.

As crianças são condicionadas a determinadas atividades desde muito novas. A sociedade determina cada passo que elas devem dar baseada nos estereótipos de seu gênero, ou seja, no papel que cada um deve seguir. A diferenciação de cores, como o rosa e o azul, de quais brinquedos estão destinados a quem, priva as crianças de conhecer e de se construir. Segundo Adichie (2017), o estereótipo de gênero bloqueia as crianças, nega a elas o direito de fazer o que lhes deixa felizes, pois nem sempre é bem-visto socialmente.

Na escola, as crianças se deparam com estereótipos, como se já existisse um roteiro escrito que deve ser executado exatamente da maneira como foi escrito, e tudo o que não estiver ali escrito torna-se errado ou algo a ser repreendido. Segundo Carvalho e Vargas (2015), se espera das meninas uma certa passividade, que elas sejam amáveis e comportadas, já o mesmo não se aplica aos meninos, dos quais se espera que sejam ativos e exerçam algum tipo de ação.

Os educadores veem os meninos como seres independentes, o que, para Silva e Luz (2010), acaba privando-os de ter maior contato afetivo e de experimentar uma vivência significativa no ambiente escolar; o ser/pertencer ao sexo masculino os priva de ter esses contatos. O menino e a menina não são vistos da mesma forma e, portanto, não são tratados da mesma forma. Espera-se das crianças, meninos e meninas, condutas diferentes, e não é levada em conta a importância dessas experiências no processo de desenvolvimento de ambos.

No que diz respeito a elas, as meninas, a escola e, por consequência, a sociedade “supõe rápido demais que as meninas não conseguem fazer várias coisas” (ADICHIE, 2017, p.28), e, assim, privamos e podemos suas ações desde crianças. Na escola, acredita-se que elas precisam de mais cuidados do que eles, e isso segue até a vida adulta; sua criação e educação é condicionada a coisas que elas não podem fazer porque são meninas/mulheres. Adichie (2017) coloca que deveríamos ensinar autonomia para elas, e não reforçar ideias patriarcais, pois somente assim daremos espaço ao seu crescimento e aprimoramento de suas potencialidades. Deveríamos ver as crianças partindo de seus pontos fortes e fracos como indivíduos, e não a partir de seu sexo.

Podemos dizer que influências sociais são tão naturalizadas que, na maioria das vezes, acabamos por não perceber suas imposições e a reproduzimos constantemente no meio em que vivemos. Acabamos por reforçar a diferença entre os gêneros e a ação de um sobre o outro e, com o tempo, acabamos por naturalizar padrões, uma vez que “se repetirmos uma coisa várias vezes ela se torna normal. Se vemos uma coisa com frequência, ela se torna normal” (ADICHIE, 2015. p. 16). E, desta forma, acabamos reproduzindo inconscientemente um padrão comportamental e reforçando as exclusões e as opressões.

Para Maia e Maia (2014), a construção e afirmação das diferenças de gênero se constituem da mesma forma e ritmo hoje como no passado e de forma mais visível midiaticamente. Sendo assim, o gênero existe porque socialmente existe uma diferença entre o que é ser feminino e o que é ser masculino e suas capacidades, bem como porque existe um problema social de exclusão entre homens e mulheres, no qual um oprime o outro. “Certos essencialismos [...] posicionam homens e mulheres como seres pertencentes a mundos completamente diferentes. E por estarem em mundos completamente diferentes, também puderam ser tratados de forma diferentes” (SANTOS, 2014 p. 183).

O gênero, para Scott (1989), seria constituído por duas posições: a primeira de que o gênero é constituído nas diferenciações entre os sexos, feminino e masculino, e a segunda como

uma forma de exemplificar as relações de poder. Sendo assim, as configurações de gênero e o que cada um significa socialmente serve para mostrar a dominância de um sexo sobre o outro. Desta forma, “gênero é visto como o modo pelo qual o feminino e o masculino são representados no âmbito cultural, social e histórico” (CARVALHO; VARGAS, 2015, p. 271).

O gênero estaria, então, conforme Carvalho e Vargas (2015), ligado e articulado às normas ditadas a determinado sexo, ou seja, está relacionado diretamente com o sexo da pessoa. Nomear suas atitudes seria uma forma de ligar estes dois pontos e definir o que é tido como um comportamento padrão aceitável socialmente.

Contudo, com a separação dos gêneros e de suas capacidades, surge a opressão e se firma a ideia de que um deve ser submisso ao outro, ou seja, a mulher submissa ao homem, já que elas são o sexo frágil e eles os provedores e detentores da força. Pessoas que fogem a esses padrões são punidas constantemente pela sociedade, seja com termos pejorativos e até mesmo fisicamente. Nesta direção, para Beauvoir (1970), o casamento é um modo de juntar duas partes para que se forme uma unidade, uma parte deve ficar presa a outra parte, na qual o homem é o dono ou detentor de coisas, e a mulher possui o papel passivo.

Partindo desta premissa, o feminismo surge, segundo Scott (1989), e se esforça para exemplificar as origens patriarcais de opressão sobre o sexo feminino e questiona as posições sociais entre dois gêneros, masculino e feminino, e as atribuições descritas a cada um de forma desigual. Nessa perspectiva, as mulheres que se nomeiam feministas passam a levar o termo e a construção do gênero mais a sério, no sentido de que ele organiza a sociedade e as relações de opressão entre um sexo e outro.

O feminismo foi um dos primeiros movimentos a diferenciar o sexo – *biológico* – do gênero – *construído socialmente* – e a reconhecer que homens e mulheres são tratados de forma diferente desde o momento em que nascem, que a sociedade oprime e vê a mulher como inferior. Neste sentido, se faz importante estudar e conhecer alguns princípios e como o movimento se construiu historicamente.

3. FEMINISMO

Acredito que seja importante iniciar este capítulo deixando claro que o feminismo é visto/entendido em diversas vertentes dentro do movimento e que estas não serão aprofundadas neste Trabalho de Conclusão de Curso. Concordo com Adichie (2015) quando ela nos *traz* o feminismo como uma forma de reconhecimento da figura da mulher como ser ativo e capaz, destacando que, para além do gênero, existe uma cidadã que luta pelos seus direitos, pela sua visibilidade e pela equidade entre os sexos. O feminismo, então, nos coloca a pensar sobre as questões de gênero e em todo um sistema que serve para aprisionar a mulher a um determinado padrão social.

Padrão esse que oprime socialmente e que (re)afirma uma hierarquia do patriarcado, no qual o homem, desde criança, é representante de poder e dominação. Seria “o patriarcado [...] um sistema de estruturas e instituições criadas por homens de forma a sustentar e recriar o poder masculino e a subordinação feminina” (ROWLAND; KLEIN, 2013, p.9), sistema esse que é histórica e universalmente usado e, ainda hoje, normalizado pela mídia e firmado socialmente quando nos deparamos com uma sociedade machista e sexista.

Olhando historicamente a figura da mulher, da filha mulher, dentro da família, percebemos que essa era vista como uma forma de lucrar com o casamento, já o menino era esperado ansiosamente, pois o mesmo significava a continuidade de um nome/sobrenome. Desta forma, é possível notar que a humanidade se divide em duas categorias, e nelas “[...] as roupas, rostos, corpos, sorrisos, atitudes, interesses, ocupações são manifestamente diferentes: talvez essas diferenças sejam superficiais, talvez se destinem a desaparecer. O certo é que por enquanto elas existem com uma evidência total” (BEAUVOIR, 1970, p.9). Essas são as categorias do *ser* homem e do *ser* mulher. A figura feminina ainda é estereotipada e se espera certa passividade e papel secundário diante da figura masculina.

No que diz respeito à mulher, Beauvoir (1970) coloca que o papel delas em uma sociedade machista é o de subordinadas, o que ela chama de papel de *outro*: ela fica à mercê do homem, nunca na mesma posição. Dentro do feminismo, busca-se desconstruir tal conceito, entendendo que as mulheres têm direito de estar em todos os espaços de protagonismo.

De acordo com Beauvoir (1970), a mulher nasce em um sistema que oprime e sair dele é quase impossível, é quase como se esse papel fosse dado a ela ao nascer. Quando as crianças

nascem, ou antes disso, quando se descobre o sexo das mesmas, já são automaticamente colocadas em uma “caixa” com itens destinados a elas, e a opressão é um desses itens quando recebemos a “caixa” das meninas. Todos os brinquedos dentro desta “caixa” preveem ou induzem a uma determinada ação sobre eles. As meninas recebem bonecas, panelas, vassouras, o que nos indica que elas precisam saber cuidar da boneca porque um dia serão mães, a fazer comida porque vão se casar. Elas ouvem muito que *tem que saber cozinhar para arrumar um marido*, aprender a limpar a casa, pois futuramente serão *donas de casa*.

Desde muito cedo, ensinam às meninas a passividade, lhes mostram indiretamente qual é seu lugar e não dão espaço para escolhas. Elas já nascem ouvindo que precisam conseguir um bom marido, se casar, construir uma família, mas não ouvem que podem ser quem elas quiserem ser, ter a profissão que lhes faça felizes, escolher usar ou não maquiagem e fazer o que as deixam confortáveis e felizes. Adichie (2017) coloca que deveríamos desde cedo ensinar as meninas que elas podem ser/fazer qualquer coisa, que podem dizer não, e que, quando disserem, não se sintam mal com isso. Dizer a elas que podem sim querer praticar qualquer tipo de esporte, que não tenham vergonha do seu corpo e, o mais importante, que não deixem que a opinião dos outros interfira nas suas vontades, desde que elas sejam suas.

Quando se pensa em mulher, logo nos vêm à mente imagens do que é ser mulher, o que ela tem como dever, lembramos da família, do marido, dos filhos, da casa etc. Muito pouco se pensa na mulher tendo autonomia ou poder, pois o poder está sempre direcionado ao homem. Segundo Adichie (2015), quando pensamos nelas, é sempre tendo alguma relação com seu sexo oposto, sendo apresentada como esposa de alguém, mas ele nunca é apresentado como o marido de alguém, e sim pelo seu sobrenome. Elas se calam perante a sociedade e acabam deixando de lado as coisas que lhes fazem de fato felizes, muitas vezes para viver um fingimento que é aceito pela sociedade.

Percebe-se que o homem nunca é condicionado pelo seu sexo. Suas qualidades não são avaliadas negativamente por isso. Pelo contrário, o fato de ser homem já o coloca à frente de uma mulher. Conforme Adichie (2015), a mulher é diferenciada perante o homem, mas ele nunca perante ela.

Pensando na mulher e no homem, Adichie (2015) afirma que a parte biológica influenciava antigamente, pois se vivia em uma sociedade na qual a força física era mais necessária do que qualquer outra capacidade humana. Homens e mulheres são diferentes, mulheres possuem hormônios e órgãos diferentes do homem, e a força física também é diferente,

mas isso fazia algum tipo de diferença antigamente, porém, hoje, não se necessita mais somente da força física para sobreviver, o que prevalece hoje é a inteligência, a criatividade e a inovação. E nesses campos ambos os sexos são capazes. Pensando que no mundo existem mais mulheres que homens, se pararmos para avaliar se torna curioso que ainda assim, mesmo existindo mais mulheres do que homens, cargos relacionados a poder estão mais frequentemente destinados aos homens e, quanto mais alto você for, menos mulheres se vai encontrar.

A ideia do que é ser mulher é construída por um sistema patriarcal e quem possui maior poder neste sistema são homens. A feminilidade é vendida diariamente nos veículos de comunicação, e os mesmos ensinam desde cedo como as meninas devem se portar. Usando da mídia e dos desenhos animados, tais estereótipos são internalizados de forma prazerosa. Desta forma, é possível ver padrões de comportamentos sendo firmados e estereotipados.

Esses estereótipos e padrões do que é ser mulher sempre estiveram presentes em desenhos animados na figura das princesas. As meninas, desde cedo, são colocadas em contato com essas representações. Contudo, com o passar dos anos, algumas coisas começam a mudar quando vemos em algumas princesas ideias de poder, liberdade de escolha e um não padrão de beleza. Esses pontos estão dentro do feminismo e começam a ser evidenciados nas produções infantis, graças a um movimento que não se cala diante de opressões sociais.

O feminismo surge como ferramenta para uma luta social que busca por direitos e oportunidades iguais sem que o gênero, e somente ele, seja objeto de exclusão. Contudo, “faz-se necessário questionar e desconstruir a história, entender os mecanismos de exclusão, de constituição de discursos e os aparatos de construção social e cultural do feminino e do masculino [...]” (MAIA; MAIA, 2014, p. 168). Para que possamos entender e reconhecer tais opressões, precisamos estudar e avaliar veículos que firmam, vendem e ensinam às crianças determinados comportamentos. Torna-se necessário, então, compreender o papel pedagógico da mídia como educadora e formadora de opinião.

4. PEDAGOGIA DA MÍDIA

Mesmo a escola não sendo um espaço que se preocupa com a mídia, ou que a use como ferramenta principal, é importante reconhecer que a imaginação é algo presente tanto na escola como na mídia, portanto, existe uma ligação importante entre os dois. Desta forma, conforme Ketzer (2003), a escola, indiretamente, lida com as influências da mídia diariamente, a partir de representações expressas nos materiais das crianças, nos discursos, nas músicas etc. Isso nos coloca a pensar criticamente no papel da mídia como educadora e qual seria essa educação.

Se pensarmos no crescimento da mídia com os passar dos anos, e nos espaços nos quais ela se encontra, é possível ver suas influências e como ela vem se adaptando ao seu público-alvo. Segundo Kindel (2007), muito tem se pesquisado e questionado o papel da mídia como pedagogicamente presente na vida das crianças, sendo ela tão influente quanto a escola, pois o contato com a mesma é diário. A mídia se faz pedagógica, pois tem um papel ditatório, que indiretamente reproduz valores, crenças, conceitos e padrões a serem seguidos para que as pessoas se tornem alguém socialmente aceito.

De acordo com Ketzer (2003), o educador tem o papel de crítico diante de tais influências midiáticas na vida das crianças. A comunicação é uma das principais ferramentas no espaço escolar; ouvir as crianças é necessário para que desconstruções e críticas possam ser feitas acerca das produções cinematográficas.

O cinema se tornou um meio de fácil acesso e que dissemina produções pelo mundo inteiro, para diferentes culturas. Conforme Kindel (2007), atribuímos valores às coisas pela forma como as mesmas nos são apresentadas, e esses valores conseqüentemente são reproduzidos socialmente, e, assim, passam a produzir padrões que são seguidos.

Os desenhos animados surgem, então, “como uma pedagogia cultural, ou seja, como eficiente forma de ensinar na e pela mídia” (KINDEL, 2007, p. 226), mostrando “coisas” de forma agradável e firmando aspectos de identidades culturais, de gênero e de comportamento. Mostra-se, assim, às crianças o que elas devem fazer para serem aceitas e como devem fazer, deixando preestabelecidos padrões de beleza, de gênero e de cultura.

Com as grandes quantidades de produções e de criações as quais as crianças são expostas diariamente, conforme Kindel (2007), a mídia passa a ter um caráter prazeroso na vida das crianças. Diferente de muitos conteúdos trazidos em sala de aula, muitas vezes trabalhados de

forma maçante e cansativa, os filmes conseguem prender a atenção das crianças e ensiná-las coisas de forma criativa e por horas.

As cores e músicas das produções são atrativas, bem produzidas, de forma emocionante, que mantêm as crianças horas e horas na frente da televisão: “as crianças assistem dezenas de vezes, seja nas creches, nas escolas ou mesmo em suas próprias casas e, nesse processo repetitivo, são colocadas em destaque determinadas identidades e criam-se padrões de homem, de mulher [...]” (KINDEL, 2007, p. 234). Desta forma, é necessário compreender que a televisão e as mídias no geral nos transmitem determinados valores e nos mostram as coisas a partir de uma determinada perspectiva.

Uma vez que “[...] a mídia também nos ensina a olhar o mundo de uma forma peculiar, assim como ela também nos ensina como devemos olhar para a escola” (SCHIMIDT, 2001, p. 62), se torna necessário analisar como ela nos apresenta suas ideias e compreender que ela possui papel importante na sociedade, pois afirma determinadas regras, indiretamente, e nos apresenta suas opiniões sobre diferentes questões sociais.

Desta forma, torna-se indispensável estudar empresas que possuem influências e que estão presentes cotidianamente na vida das crianças. Uma das empresas que mais produz material para as crianças é, sem dúvidas, a Walt Disney. Considerando isso, se torna pertinente entender como suas produções, desenhos animados, vêm se apresentando às crianças e tomando espaços para além do cinema.

4.1 DESENHO ANIMADO DA DISNEY

Os veículos de cultura e de animação se fazem presentes na vida das crianças. Isso é algo que não há como negar. Esses veículos têm certo papel na educação das crianças, uma vez que o contato é diário e suas representações firmam modos de pensar e agir. Como afirma Giroux (2004), esses veículos culturais, como a Disney, possuem papel educador de uma forma lúdica e forma conceitos do que seria uma infância ideal de maneira prazerosa, ou seja, por meio dos desenhos animados.

Um fato importante a se pensar é que, “quando a Walt Disney Studios mistura as características narrativas dos contos de fadas para o cinema, consegue trazer duas vezes o

encantamento para o espectador, porque reúne a magia própria do conto de fadas com a do cinema” (SILVA, 2016. p. 55) e, assim, se torna mais influente e consegue mais visibilidade ao fazer a ligação entre a literatura e a mídia. Desta forma, passa a ganhar lugar em diferentes espaços, como, por exemplo, a escola.

A Disney se tornou um dos maiores formadores de opiniões e tem apoio da crítica. Além de possuir o próprio mundo da magia, “a Disney tem processado agressivamente as violações dos seus direitos autorais, exercendo controle sobre quem tenha acesso a seus arquivos e tenha tentado influenciar o uso do material pesquisado nos arquivos” (GIROUX, 2004, p.90), ou seja, para continuar sendo aclamado pela crítica e mantendo algum tipo de influência social, é preciso manter um certo status e, conseqüentemente, lucros.

As produções Disney, conforme Giroux (2004), influenciam na educação das crianças através de suas representações em diversos lugares. A sua imagem é constantemente reforçada nos meios sociais através de sua participação na vida em sociedade. Torna-se, assim, um ícone cultural que tem se fortalecido em diferentes meios sociais, sendo nos cinemas, em locais públicos, na família e também nas escolas.

Com o passar dos tempos, a empresa Disney passou a ter influências e produzir “protótipos para escolas-modelo, famílias, identidades, comunidades” (GIROUX, 2004, p.91). A Disney passa, então, a não mais focar apenas em suas produções animadas, mas também em instâncias sociais, formadoras de seres sociais. A fantasia passou a ser usada como ferramenta para se inserir em espaços formadores de opinião.

As produções de desenhos animados tendem a chamar a atenção de todos os tipos de públicos, uma vez que suas produções são chamativas e tratam de assuntos sociais de maneira prazerosa. Giroux (2004) afirma que os desenhos animados chamam nossa atenção, sendo adulto ou criança, e nos fazem consumir seus produtos sem perceber. Pessoas consomem os produtos Disney de uma forma que os tornam algo cultural e venerado pela maioria.

Sendo assim, torna-se importante para “os pais, professores e outros adultos entenderem como tais filmes atraem a atenção e burilam os valores das crianças que os vêem e os compram” (GIROUX, 2004, p. 94) e que tenham um olhar crítico sobre o consumo das crianças e as ideias por trás dessas produções.

Historicamente, conforme Corso e Corso (2006), se entende que os contos não tinham como foco as crianças, eram feitos para os adultos e não possuíam nenhum caráter educativo ou intenção de alertar as crianças dos perigos do mundo. Porém, como faziam parte da vida das

crianças, as histórias tradicionais passaram a ser recriadas para servir como lição de moral e instigar o medo. As crianças

[...] são fascinadas por tudo que desperta nelas a vasta gama de sentimentos de medo. O medo é uma das sementes privilegiadas da fantasia e da invenção; grande parte dele provém das mesmas fontes de mistério e do sagrado. [...] em função dele desenvolvemos também sentido da curiosidade e a disposição à coragem, que superam a mera função de defesa da sobrevivência, pois possibilitam a expansão das pulsões de vida. (CORSO; CORSO, 2006, p. 17)

Sendo assim, os clássicos literários passam a ser produzidos cinematograficamente em forma de desenhos, contando com o mistério em suas histórias e, conseqüentemente, ganhando espaço na vida das crianças. As bruxas más e maçãs envenenadas tendem a chamar a atenção das crianças, que fazem ligação com as pessoas que elas conhecem ou com conceitos do que é ser de fato uma pessoa má.

Desta forma, Giroux (2004) afirma que os desenhos animados necessitam ser examinados para além da visão de entretenimento, pois existe muito mais do que apenas o *bom e mau* a ser avaliado. E, para tanto, é preciso conhecer a história, os personagens, e avaliar que valores tais desenhos pretendem passar indiretamente ao seu público-alvo. Tendo em vista a importância das histórias infantis e todo o sistema que a constrói, passa a ser importante a análise de algumas histórias e princesas tradicionalmente produzidas pela Disney.

4.1.1 Princesas tradicionais

A Disney possui forte poder quando se fala de representação². Quando pensamos em princesas, logo nos vêm à mente suas produções. Os contos de fadas são referências na vida das crianças, principalmente das meninas, que assistem repetidas vezes os filmes e tentam, de alguma forma, se ver nas personagens.

Expostos a diferentes tipos de contatos visuais cotidianamente, somos induzidos a interiorizar, consciente e inconscientemente, alguns conteúdos. E, durante esse processo,

²“A representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos. Podemos inclusive sugerir que esses sistemas simbólicos tornam possível aquilo que somos e aquilo no qual podemos nos tornar.” (WOODWARD, 2000, p. 17 apud PIRES, 2008, p. 56)

acabamos nos construindo e, de certa forma, performando determinadas características do gênero que nos foi designado. Conforme Correia (2010), é durante essas assimilações que, na infância, procuramos nos encaixar em um determinado grupo social e que passamos a nos encaixar em alguns padrões.

Os desenhos de princesas da Disney reproduziram e firmaram, por um longo tempo, um único padrão do que é preciso para ser uma princesa. Desta forma, “a figura da princesa surge massivamente nos produtos culturais para a infância como um modelo de feminilidade, encerrando mensagens e valores e seduzindo magicamente as meninas, incidindo sobre as suas subjectividades.” (CORREIA, 2010, p.2). Mostra-se, assim, indiretamente, qual é o papel da mulher e qual é o papel do homem no meio social.

Quando pensamos em como as princesas são criadas e vistas, percebemos que “[...] essas representações das produções da Walt Disney Studios são uma violência contra as mulheres na medida em que reforçam a opressão causada pela dominação masculina [...]” (SILVA, 2016. p. 17). Elas representam a parte frágil da história e, tradicionalmente, esperam pela salvação.

Nos filmes das princesas tidas como *tradicionais*, que possuem um padrão, elas se encontram em um universo no qual esperar por uma salvação é a única opção, a espera é longa e sofrer faz parte da trama. Esses filmes mostram que, de certa forma, alcançar a felicidade é algo árduo e que depende de uma segunda pessoa, o príncipe, que as levará ao tão esperado *final feliz*. Neste sentido, as histórias passam a ensinar às crianças determinados comportamentos e acabam, portanto, “influenciando o seu olhar sobre o mundo, sobre o seu papel, o seu corpo e o corpo dos/as outros/as e o seu processo de subjectivação, culturalmente construído.” (CORREIA, 2010. p. 5). Nessa perspectiva, essas princesas tradicionais já possuem historicamente grande influência social. Uma forma de avaliar os comportamentos dessas princesas é contrapor os clássicos tradicionais já existentes com as princesas que estão sendo criadas atualmente.

Percebe-se, então, que

A princesa não está presente unicamente no imaginário infantil, o seu conteúdo mítico surge no cotidiano, nas práticas sociais, na indústria de consumo, nomeadamente nas revistas, na televisão, no cinema, na festa de casamento, no namoro, nos concursos de beleza, nos bailes e nas festas, propondo, para as vidas reais, uma visualidade ideal de feminilidade. (CORREIA, 2010, p. 6)

Quando falamos de *princesas tradicionais*, nos vêm à mente as clássicas, como A Branca de Neve, A Bela Adormecida e a Ariel. E, “apesar de surgirem, actualmente, outros

modelos de princesas, a maioria das representações veicula padrões tradicionais, acompanhados por histórias que legitimam um certo modo de olhar” (CORREIA, 2010, p. 5), uma forma de avaliar os comportamentos dessas princesas sempre em contraponto aos clássicos já existentes que fazem parte da história das princesas.

A *Branca de Neve* é atualmente, conforme Corso e Corso (2006), uma das histórias mais adoradas pelas crianças, junto com *A Bela Adormecida*, que é a mais amada pelas meninas. Em ambas as histórias, as princesas adormecem e têm que esperar pelo príncipe, que se apaixona por elas enquanto ainda estão dormindo. Nas duas histórias, as princesas são amadas e esperadas pelos pais, o que, para Corso e Corso (2006), passa a ser uma novidade na história das princesas, pois o nascimento de uma menina na família não era algo a ser celebrado.

As produções também mostram outra “utilidade” atribuída à mulher para além da união com outras famílias ou o casamento e enriquecimento. A presença da bruxa má, que já não possui mais certa beleza ou jovialidade, também se encontra nas duas histórias, que são más pelo fato de que externalizam suas vontades. Desta forma, “essas histórias seriam, então, também um tratado sobre a relação de homens e mulheres com a feminilidade: seu preço, seu fascínio, a magia magnética de sua beleza, seus poderes e perigos” (CORSO; CORSO, 2006. p. 76), pois nos mostram que, após “perder” a beleza exterior, a mulher passa a buscá-la para ser aceita novamente na sociedade e nos mostrando a passividade delas diante de seus príncipes.

Na história da princesa Ariel, ela apresenta os mesmos padrões de beleza das outras, cabelos longos, pele branca etc. Essa princesa é uma sereia que passa a abdicar de coisas para que seu *amado* volte para ela. Em um determinado ponto da história, ela passa a não ter voz e perde a cauda para poder encontrar o príncipe que ela viu uma vez na vida. Todos esses pontos mostram que ela precisa dele pra ser feliz e para seguir em frente.

Nos contos de princesas *tradicionais*, então, notamos que elas performam corretamente o que a sociedade espera da mulher, sempre com ludicidade é claro, e esse padrão é ensinado desde cedo a todas as crianças. É ensinado que meninos são fortes e meninas passivas. Com o tempo, os contos de fadas passam a ser “coisa de menina”, e quem consome essas produções são elas.

Com o surgimento de movimentos que passam a lutar pelos direitos das mulheres, tais conceitos de princesas passam a ser questionados e, por sua vez, alguns pontos passam a ser revistos nas produções. Histórias passam a ser reescritas e novas princesas surgem. Emergem

princesas que quebram alguns padrões de como uma menina/mulher deveria ser e começam a questionar seu papel social, trazendo, assim, mais representatividade nas suas histórias.

4.1.2 Princesas feministas

Tendo em vista os princípios do feminismo, que seriam dar autonomia e protagonismo às mulheres, deixando claro que elas possuem as mesmas capacidades que os homens em qualquer atividade ou situação e também entendendo que “imagens transmitem ideias que influenciam a cultura compartilhada por uma sociedade. Elas não meramente representam um objeto, pessoa ou evento que ilustram, mas trazem também significados mais profundos, nem sempre identificados facilmente” (BREDER, 2013, p. 11), surge a necessidade de avaliar a produção de princesas que passaram a surgir com o papel de protagonistas que lutam pelos seus ideais.

Sendo as produções um reflexo social, parece que novas concepções do que é ser uma princesa da Disney surgem. Fatores sociais de desconstrução de conceitos passam a ter espaço na construção da história das princesas. Conforme Breder (2013), os estereótipos de princesas são evidenciados com o intuito de firmar uma concepção criada socialmente. Contudo, essas “novas princesas” parecem começar a quebrar tais estereótipos de beleza, de atos, assumindo espaços de protagonismos reais em seus filmes.

Princesas tradicionais, como Ariel, Bela Adormecida, Branca de Neve, que possuem um padrão de beleza, que evidenciam que, para ter o final feliz, é preciso ter um príncipe que as salve, ou precisem abdicar de suas vidas para terem um príncipe, tendo como exemplo a história de Ariel, sendo esse o certo a se fazer se quiser ser feliz ou sair de casa, passam a ser deixadas na história, e novas concepções da mulher passam a ser produzidas nos desenhos.

Pensar na diversidade cultural e no protagonismo das princesas é algo que passa a aparecer na história dessas novas princesas. Os questionamentos sobre as antigas produções surgem tendo em vista as novas produções. Torna-se importante produzir princesas que representem a revolução, o amor para além do romântico, a luta para ser quem se quer ser, o direito à voz e à escolha, poder governar sem necessariamente ter um príncipe ao seu lado, ser uma militante em lutas populares, poder praticar qualquer tipo de esporte, ir contra as questões de gênero e estereótipos de mulher. O que todas essas características têm a ver com as princesas? O que as tornam princesas de fato? O que torna uma princesa feminista? E o que essas princesas

feministas ensinam para seus grandes consumidores, as crianças? Como chegar a essas respostas é o que será explicado a seguir, no capítulo metodológico.

5. METODOLOGIA

Pretendeu-se num primeiro momento fazer um levantamento bibliográfico a partir de alguns temas centrais: questões de distinções de gênero, a necessidade de representações femininas, o movimento feminista e o papel pedagógico da mídia. Para tal, o levantamento bibliográfico se fez necessário para encontrar respostas para a problemática formulada, tanto fontes que podem ser encontradas em bibliotecas quanto em plataformas digitais. Esse primeiro momento da pesquisa, conforme Cervo, Bervian e Silva (2007), serve para organizar e orientar o trabalho, tornando-o útil.

Desta forma, se fez necessária, primeiramente, a revisão literária acerca do tema escolhido, uma vez que “com a revisão da literatura é possível identificar as principais tendências de pesquisa na área de interesse, as eventuais lacunas e os conceitos importantes que estão sendo usados” (MOREIRA; CALEFFE, 2008 p. 27). Nessa direção, foi realizado o levantamento de obras já publicadas na área da educação feminista e identificado como esse tema vem sendo trabalhado dentro das produções de princesas da Disney. A seleção de trabalhos já publicados na área e a reflexão sobre assuntos abordados mostram a seriedade do pesquisador acerca do problema da pesquisa.

A pesquisa é também documental, pois, segundo Cervo, Bervian e Silva (2007), a análise de documentos se mostra uma técnica de coletas de dados qualitativos e também sem muitos gastos, uma vez que requer do pesquisador apenas tempo e concentração para a realização de leituras de documentos acessíveis e já produzidos. A técnica de análise documental seria então uma forma de abordar outros temas ainda não bem esclarecidos partindo de produções já existentes.

A pesquisa documental torna-se, assim, uma fonte rica de produções das quais podemos tirar evidências que possam fundamentar nossas pesquisas e produções enquanto pesquisadores. Para além, quando se fala em pesquisa documental, podemos classificar, segundo Cervo, Bervian e Silva (2007), os documentos como sendo de origem primária, que seriam as pesquisas de campo, coletas de dados; a secundária, que podem ser classificados conforme sua origem ou local de armazenamento; e terciárias, quando são citados por outras pessoas. Sendo assim, a presente pesquisa, por analisar filmes infantis, se torna de natureza secundária, uma vez que

estes são “colhidos em relatórios, livros, revistas, jornais, e outras fontes impressas, magnéticas ou eletrônicas” (CORAZZA, 2002, p. 80).

A pesquisa se deu na análise de aspectos físico-visuais, aspectos comportamentais e aspectos de afetividade presentes nos filmes de princesas escolhidas, a partir de imagens e falas que representem o protagonismo das mesmas. Neste sentido, são importantes os discursos e o posicionamento das personagens diante de determinados assuntos e como as mesmas empoderam o sexo feminino e/ou se de alguma forma contribuem na formação de crianças feministas, uma vez que se entende que

Os desenhos animados [...] têm atuado na produção de comportamentos, bem como na compreensão de mundo que os sujeitos possuem, além de participarem na produção dos próprios sujeitos, que neles aprendem, por exemplo, como ser mulher, como ser homem, como ser bonito, como ser vencedor, como ser herói (KINDEL, 2007, p. 226).

Para tal pesquisa, foram escolhidos seis filmes da indústria Disney, sendo eles *Frozen*, *Moana*, *Mulan*, *Pocahontas*, *Valente* e *O Corcunda de Notre-Dame*. Nestes documentos foram analisados o papel das princesas, seus discursos, seus modos de ver e de viver e suas posturas diante de tradições impostas pela sociedade, pois “nesses filmes tantas vezes definidos como ingênuos e inocentes, também classificam-se sujeitos e nações como fortes ou fracos, desenvolvidos ou atrasados” (KINDEL, 2007. p.234). Surge, então, a necessidade de avaliar esses pontos em situações nas quais as princesas se encontram na trama.

As princesas escolhidas são Mulan, que é uma jovem destemida e corajosa que decide colocar em risco a sua vida para salvar seu pai e sua Pátria³; Elsa, de *Frozen*, que é a rainha da neve que renuncia a tudo para *poder* ser livre; *Pocahontas*, que é uma aventureira que não tem medo de quebrar as regras de seu povo; Mérida, do filme *Valente*, que é dona de uma personalidade rebelde que prefere praticar arquearia e hipismo a costurar e fazer discursos, lutando pela sua liberdade; Esmeralda, em *O Corcunda de Notre-dame*, é uma cigana que luta por si, foge aos padrões de donzela em apuros e que luta por causa das minorias, e também *Moana*, princesa que não procura um par romântico e foge aos padrões até então produzidos.

Foram analisadas, nas representações veiculadas por esses filmes, características até então não produzidas nos filmes tidos como “tradicionais”, como, por exemplo, as princesas dos filmes *A bela adormecida*, *A pequena Sereia*, *Cinderela* e *Branca de Neve e os sete anões*. Quais seriam as características ideológicas e de representação de gênero que essas produções estão

³As descrições aqui presentes foram escritas a partir das sinopses encontradas nos filmes.

apresentando e de onde surgiu essa necessidade de se ter princesas que são consideradas feministas? Como essas princesas agem diante da sociedade e o que as diferem das demais princesas? Para analisar tais discursos, será feito uso da Análise de Conteúdo, uma vez que se procura entender o que está por trás destas produções, ou seja, a mensagem que elas querem deixar ao seu público. Conforme Bardin (2010), a Análise de Conteúdo é um conjunto de ações tomadas com um único objetivo, como uma técnica de investigação usada para encontrar respostas. Nessa perspectiva, a construção de categorias de análise seria uma forma de organizar o conteúdo, separá-lo em “itens” para que a pesquisa se torne relevante e não repetitiva. As categorias aqui construídas para a Análise de Conteúdo foram: I) aspectos físicos e visuais; II) aspectos comportamentais; III) aspectos afetivos, as quais serão discutidas no próximo capítulo.

6. ANÁLISE DE DADOS

Neste capítulo, será realizada uma Análise de Conteúdo de filmes de desenhos animados com o objetivo de compreender como eles contribuem pedagogicamente na educação das crianças e de que forma o feminismo vem se construindo direta e indiretamente nos discursos e representações da mulher. Para alcançar esse propósito, foram escolhidos os seguintes filmes: *Frozen*, *Moana*, *Valente*, *Pocahontas*, *O corcunda de Notre dame* e *Mulan*. Todas são produções da Disney. Para começar essa análise e dar um panorama do que tratam os filmes, será inicialmente abordado um pouco do enredo de cada um. Após, serão apresentadas e discutidas as categorias de análises, as quais se dividem em três, sendo elas: aspectos físicos e visuais, aspectos comportamentais e aspectos afetivos das princesas desses filmes.

Imagem 1: Frozen



Fonte: Extraído da internet⁴

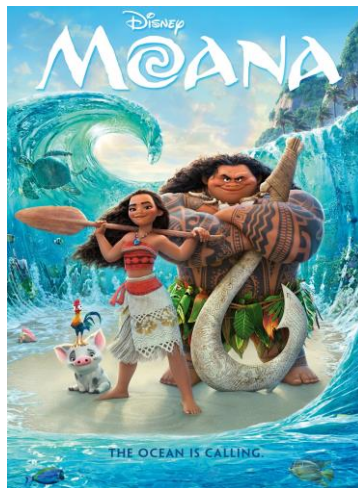
Frozen conta a história de duas irmãs, Elsa e Anna. Na infância, são separadas, pois Elsa descobre que possui poderes e seus pais acham melhor ela se isolar. Ambas crescem separadas até o dia em que seus pais morrem e Elsa, a irmã mais velha, precisa comandar o reino.

⁴ Disponível em: <<http://www.ocamundongo.com.br/wp-content/uploads/2014/01/frozen-poster-disney-mania-007.png>>

Elsa tenta esconder seus poderes de todos, mas um acidente acontece e todos ficam sabendo. Com medo, ela foge para as montanhas. Todos a chamam de monstro, menos sua irmã, Anna, que, apesar de terem passado tanto tempo longe, ainda a ama e não sente medo da irmã.

Anna parte em uma jornada em busca de sua irmã, pois acredita que seu amor pode fazê-la acreditar que tudo pode ficar bem. Com Anna estão Olaf, um boneco de neve, seu amigo e uma rena. Juntos tentam convencer Elsa, mas ela está muito machucada e decidida a não abdicar de seus poderes para ser aceita. No final, Anna acaba indo embora e deixando sua irmã, Elsa, porém algo ruim acontece com Anna e somente Elsa pode ajudá-la. Por fim, elas voltam a ficar juntas e Elsa volta para casa.

Imagem 2: Moana



Fonte: Extraído da internet⁵

Moana, uma menina pequena e muito curiosa, parte em direção ao mar e avista um pequeno objeto verde no meio dele. No entanto, sua curiosidade é interrompida pelo seu pai, o chefe Tai, que estava à sua procura.

Nascida para liderar, ainda pequena, Moana estava ciente de que seria líder da tribo da sua ilha, pois seu pai insistiu para que sua filha liderasse e acompanhasse seu povo, seguindo o mesmo destino de seus antigos líderes, insistindo nisso desde muito cedo. Porém, logo na sua infância, sob as lendas de sua avó Tala, Moana despertou um forte interesse com o oceano. E não foi por acaso que o oceano também despertou interesse pela menina. Entretanto, na mesma

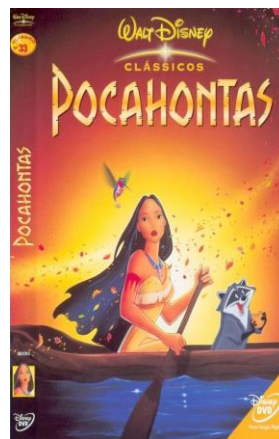
⁵ Disponível em: <https://4.bp.blogspot.com/-wyGQGhlgIO0/WHBIKLaT-3I/AAAAAAAAAB4z8/QoJdtUbjPbEqBZtXKzHSp-XahRbjxTwCLcB/s0/Moana%2BCover_compressed.jpg>

medida em que essa admiração pelo mar é estimulada pelas histórias antigas de sua avó, ela é reprimida pelo seu pai, que impõe limites, fazendo com que Moana abra mão dos seus sonhos e passe a aceitar a sua jornada como líder.

A ilha onde Moana liderava era rica em cultura e lá cultivavam muito coco. Havia barcos pesqueiros por toda ilha; entretanto, os homens responsáveis pela pesca não estavam obtendo muito sucesso com ela. Não havia mais peixes por perto. A solução seria ir além do oceano. Logo, Moana percebe que esse problema poderia ser mais um convite para ela se aventurar pelos mares.

E mais uma vez esse sonho de desbravar o oceano é interrompido pelo seu pai, que a proíbe novamente. Mais tarde, Moana acaba descobrindo pela sua mãe que o mar também já fora uma paixão de seu pai, porém esse sentimento fora reprimido a partir da morte de um amigo durante uma aventura dos dois. Moana contraria seus pais e parte em uma viagem em busca da salvação de sua aldeia. Encontra um amigo no caminho, ela ensina-o a trabalhar em equipe e, por fim, Moana, junto de seu amigo e seu galo, salvam as florestas e tudo volta ao seu normal.

Imagem 3: Pocahontas



Fonte: Extraído da internet⁶

O filme *Pocahontas* fala sobre a chegada dos brancos em uma aldeia indígena. Os ingleses chegam a um grande navio em busca de ouro. Eles são liderados pelo capitão Ratcliffe, que não quer apenas ouro, mas explorar as terras e governá-las. John Smith é um dos ingleses.

⁶ Disponível em: <<https://capadedvd.files.wordpress.com/2009/03/pocahontas.jpg>>

Ele se interessa por Pocahontas, uma índia que mora na aldeia. Ela mostra a beleza do lugar para ele e desconstrói a ideia de que eles são selvagens. Com o tempo, os dois desenvolvem uma amizade que mais tarde se transforma em romance. Os indígenas e os ingleses se preparam para lutar pelas terras. Pocahontas tenta mediar a situação, pois não quer que aconteça uma guerra. No final, Pocahontas é ouvida, a paz é mantida, os ingleses vão embora. Pocahontas tem que escolher entre ir embora com eles ou ficar. No final, ela escolhe ficar com sua família.

Imagem 4: Valente



Fonte: Extraído da internet⁷

Merida, filha do rei Fergus e da rainha Elinor, desde muito pequena é apaixonada por arco e flecha. Não é à toa que ela se tornou, ao passar do tempo, uma habilidosa arqueira. Ela é muito aventureira e cheia de atitude, o que a diferencia de todas as garotas de seu reino. Merida, por exemplo, prefere cavalgar floresta adentro com seu arco e flecha a ter que aprender sobre como se portar como princesa e todas as coisas que o poder e a liderança exigem.

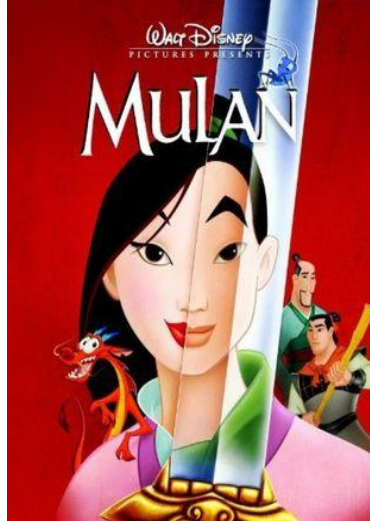
Conforme a tradição, sua mãe, a rainha, quer que ela se case logo, que sirva e dê apoio às decisões do seu futuro marido, mas Merida não age por obrigação e também não aceita nenhuma ordem calada. Sempre que sua mãe tenta obrigá-la a aceitar seu “destino” e obedecer suas regras, Merida foge para a floresta, o único lugar onde ela se sente completamente livre. E, num desses escapes, a garota acaba se esbarrando com uma bruxa qualquer.

Pensando nas habilidades que uma bruxa possui, Merida pede para a velha mulher fazer um feitiço a fim de que sua mãe mude de ideia sobre o casamento. A bruxa entrega um biscoito nas mãos da garota e pede para que leve até sua mãe e a faça comê-lo. Porém, esse feitiço não é

⁷ Disponível em: <https://dvdscatalogados.files.wordpress.com/2012/11/valente_capa01.jpg>

nada parecido com o que Merida pediu, o que a faz correr contra o tempo para desfazê-lo. E, assim, a história acaba dando bastante destaque para a relação da mãe e da filha.

Imagem 5: Mulan



Fonte: Extraído da internet⁸

O filme *Mulan* inicia com a muralha da China e o momento em que os hunos mortais a atacam. Eles são liderados por Shan Yu, que pretende tomar a China. O imperador decide, então, que todos os homens devem ser convocados para defender o país. Logo após, Mulan aparece. Ela é filha única de Fa Zhou e de Fa Li e está se preparando para ir à cidade se apresentar a uma casamenteira para encontrar um marido. O encontro com a casamenteira torna-se um desastre, e ela volta para casa triste, achando que o único jeito de ser aceita é se transformando em uma outra pessoa.

Logo após, o conselheiro do imperador chinês, Chi-Fu, chega à sua aldeia para anunciar que os hunos mortais invadiram a China e que um homem de cada família deveria servir na guerra. Mulan protesta contra isso, pois sabe que seu pai está muito velho para isso. Apesar de seus protestos, seu pai diz que vai, mesmo com a velhice e feridas de guerra antigas. Decidida a não deixar seu pai ir à guerra, ela se prepara para ir no lugar dele, pega sua armadura e espada, corta os cabelos e sai com seu cavalo, Khan, no meio da noite.

A caminho do acampamento do exército, ela encontra Mushu, um pequeno dragão, e um grilo da sorte. Com o tempo ela vai usando sua inteligência e consegue desenvolver as

⁸ Disponível em: <https://vignette3.wikia.nocookie.net/mulan/images/7/7f/Mulan_Capa.jpg/revision/latest/scale-to-width-down/312?cb=20120525030942&path-prefix=pt>

atividades e até resolver o enigma definido pelo comandante, assim, ganha o respeito dos demais soldados.

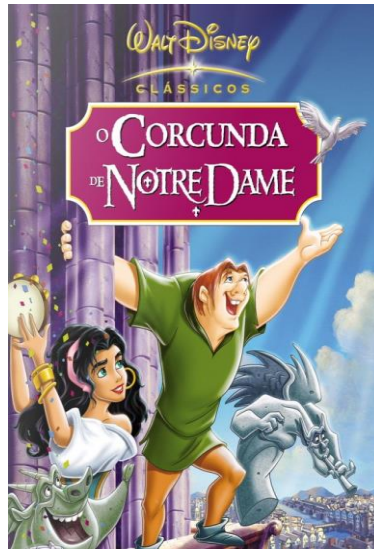
Eles são atacados, e Mulan tem a ideia de usar um dos fogos para acertar a montanha e consegue. A neve cai e causa um deslizamento, cobre o exército de Hunos com a neve e salva a vida de todos seus companheiros, inclusive a do comandante, que, após agradecer a ela, descobre que ela, ou Ping como a chamam, está ferida. Ela desmaia, e um médico é chamado.

Após a consulta, o médico conta ao comandante que ela é uma mulher. Ele é então instruído a tirar a vida dela, porém Shang decide poupá-la, pois ela salvou a vida dele na batalha. Ela, Mushu, o grilo e seu cavalo são deixados para trás instruídos a voltar para casa, porém ela descobre que Shan Yu e seus generais sobreviveram e estão indo para a Cidade Imperial. Mulan tenta alertar Shang, mas não é ouvida por ser uma mulher.

Shan Yu captura o Imperador. O comandante tenta ir atrás deles, mas falha. Mulan escala o palácio e os alcança junto de Shang, Yao e Chien Po. Os três fogem com o Imperador para longe. Mulan fica para ajudar Shang, pois o mesmo está perdendo a luta. Ela revela que foi ela quem destruiu o exército de Hunos, o que deixa Shan Yu bravo. Com a ajuda de Mushu, Mulan o enfrenta no telhado do palácio.

Mulan salva a todos. O Imperador intervém e fala de todos seus crimes, porém reconhece sua bravura e que a mesma salvou toda a China, curvando-se diante dela, e todos fazem o mesmo. O Imperador dá a ela uma medalha de honra e a espada de Shan Yu. Ela retorna à casa e encontra seu pai, lhe entrega a medalha e a espada e diz que honrou sua família.

Imagem 6: O Corcunda de Notre Dame



Fonte: Extraído da internet⁹

Quasímodo, conhecido como o corcunda de Notre Dame, era um sineiro que há tempos vivia trancado dentro de uma catedral por ordenação de um homem e por não se sentir normal perante a sociedade, tudo devido a sua aparência. Num certo dia, no famoso festival dos tolos, Quasímodo, contra as regras que lhe foram impostas, resolve sair um pouco para presenciar esse evento. Lá ele acaba conhecendo Esmeralda, uma linda e esperta cigana que dançava nas ruas de Paris e, com sua exuberante beleza, a mulher captava a atenção de todos. Ela era uma mulher livre e, com sua cabra, fazia o povo enlouquecer realizando truques e artimanhas.

Não demora muito para que Quasímodo acabe sendo reconhecido no evento por Frollo, o homem que o mantinha escondido na catedral de Notre Dame. O pobre homem acaba sendo o motivo de risos e brincadeiras ofensivas realizadas pelo povo. No entanto, a bela mulher, sem aguentar ver aquela crueldade com o homem, ajuda-o a se livrar daquela tortura. Quasímodo fica encantado com Esmeralda e com suas atitudes, que o fez sentir-se uma pessoa normal. Juntos, o sineiro e a cigana precisam enfrentar o temível Frollo, o que não é algo simples. Por final, enfrentam Frollo, que morre, as coisas acabam bem, Esmeralda escolhe ficar com o oficial e Quasímodo termina a história cuidando da catedral.

⁹ Disponível em: <<http://www.ocamundongo.com.br/wp-content/uploads/2012/10/Corcunda-de-Notre-Dame-575x715.jpg>>

Com as descrições das sinopses feitas, torna-se pertinente analisar como essas princesas são apresentadas nas suas histórias e qual é o papel delas nas histórias. Nesse sentido, passamos para as seguintes categorias de análises.

6.1 ROMPENDO COM AS BARREIRAS DE ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO

Na presente categoria serão analisados como são apresentadas algumas características físico/visuais das princesas e de que forma elas influenciam na construção de estereótipos quanto à vestimenta e padrões de físicos que se esperam que as mulheres tenham.

Imagem 7: Princesas feministas



Fonte: Arquivo pessoal

Na imagem acima, temos as princesas Moana, Elsa, Pocahontas, Mulan, Merida e Esmeralda. Um dos aspectos nos quais elas tornam-se diferentes é justamente pelo fato de romperem com alguns padrões físicos e visuais, com os estereótipos que se esperam de princesas e de gênero. Quando pensamos em princesas, logo nos vêm à mente vestidos e cabelos “perfeitos”, loiras de olhos azuis, com sapatos e acessórios brilhantes.

Contudo, alguns desses atributos destinados às princesas têm se modificado. No caso de Elsa e Merida, elas possuem os olhos azuis e pele branca, porém em suas histórias elas são protagonistas e essas características não as definem por inteiro. A escolha de inclui-las na análise presente nesse TCC se dá justamente porque é necessária a representatividade de todas as mulheres/meninas nas produções. As duas também são as únicas que são adeptas a vestidos longos e ao uso de calçados nos pés; afinal, elas foram criadas para assumir um reino, e o que se espera delas é que se comportem como futuras rainhas, e o que as rainhas, na sua cultura, usam são vestidos longos, coroas e possuem um padrão a ser seguido. Padrão esse que elas contestam.

Uma característica encontrada em outras três princesas, Moana, Esmeralda e Pocahontas, é que elas andam descalças, o que não seria diferente, pois isso faz parte de suas culturas. De acordo com Duarte (2009), o filme é uma linguagem, portanto, ele nos ensina algo. Aprende-se assistindo, tanto questões culturais, de raça, de cor quanto de diversidade. É possível conhecer diferentes realidades e nos identificar com algumas, uma vez que o filme se torna objeto de representatividade, pois conseguimos através deles encontrar detalhes do nosso dia a dia.

Essas mulheres/meninas são apresentadas para além de sua beleza, pois elas possuem habilidades: Merida é ótima com arco e flecha. É inegável a importância de se ter representações que rompem com as belezas estereotipadas, pois vivemos em uma sociedade multicultural e com uma imensa diversidade de características físicas e visuais. Representar isso nas produções é possibilitar protagonismos nos diferentes espaços; afinal, essas princesas não chegam apenas nas meninas brancas e de olhos azuis, elas chegam às que se identificam com a Moana, com a Pocahontas, a Mulan, a Esmeralda e a Merida da vida real, que vivem e sentem diariamente essa diversidade na pele.

Merida está com sua mãe se preparando para receber pretendentes. Ela não está satisfeita com a forma como ela precisa se vestir para agradar homens que ela não conhece, nem com o fato de ela precisar esconder seu cabelo, pois ele é “rebelde”, o que não a deixa nem um pouco feliz. Ela e Moana não possuem um corpo magro, pelo contrário, elas possuem curvas; o cabelo das duas são ditos como *rebelde*s, pois não são lisos e loiros; o nariz da Moana não é fino, afinal ela pertence a uma comunidade indígena e esses traços são reais. O mais interessante é que elas se mostram bem com essas características, o que acaba representando as diferentes mulheres e mostrando que tudo bem não estar dentro dos padrões sociais de beleza.

Elas surgem com aspectos físicos das mulheres na diversidade encontrada fora dos desenhos, aquelas que somos, e acabam representando aquela mulher que não se encaixa nas *caixinhas* de padrões. Adichie (2015) nos coloca que o gênero, construído socialmente, serve para aprisionar as mulheres e meninas às expectativas colocadas sobre delas.

Essas princesas rompem com as barreiras de gênero quando mostram que podem ser, fazer e usar qualquer coisa. No filme da Mulan, ela acaba tendo que cortar seus cabelos para poder ir à guerra. Ela mostra que ser mulher não muda em nada suas habilidades. Afinal, ela salva seus colegas por diversas vezes e, por seguinte, a China.

Desta forma, compreende-se que quanto mais essas princesas se distanciam das princesas tradicionais, mais elas se aproximam da realidade. Conseguimos, a partir delas, enxergar que, inclusive pelos aspectos físicos e visuais, elas representam a diversidade visual e física que existe na sociedade. Na categoria a seguir, analisarei como essas princesas se comportam diante de padrões e por que elas se tornam rebeldes, diferentes das tradicionais.

6.2 PRINCESAS REBELDES?!

Nesta categoria serão apresentados alguns aspectos comportamentais que tornam Elsa, Moana, Merida, Pocahontas, Mulan e Esmeralda princesas *rebeldes*, sendo trazidas para discussão situações que mostram como elas se negam a se comportar dentro de um determinado padrão.

No filme *Valente*, a sua mãe, a rainha, fala para Merida que “uma princesa não rabisca, não gargalha, não enche a boca, acorda cedo, tem compaixão, é paciente, cautelosa, limpa [...] e acima de tudo, uma princesa busca ser perfeita!”. Essa fala descreve tudo o que esperamos de uma princesa, que elas sejam um exemplo a ser seguido, porém essas princesas desconstruem esse discurso, pois elas são firmes em suas crenças e não mudam de ideia, mesmo que isso signifique ir contra tradições e desejo dos pais, e por isso são tidas como rebeldes.

Para essas princesas, ir contra o desejo dos demais é um processo difícil, pois sempre se espera algo delas. Isso acaba ilustrando como acontece na vida real com mulheres que tentam sair dos padrões sociais. Conforme Alves, Gomez e Felix (2011), os comportamentos esperados para meninos e meninas acabam se tornando uma amarra da qual é difícil se livrar, na direção de se tornar aquilo que elas realmente querem ser.

Essas princesas se tornam rebeldes, ou como gostamos de chamá-las “donas de si”, pois negam o que esperam que elas sejam. Um exemplo disso é que elas não estão esperando por um príncipe, e, quando eles aparecem e elas não acham que eles “servem” para elas, pois vão contra suas crenças, elas os renegam. Esmeralda nega dois homens que não a veem como ela quer ser vista, como uma mulher que é livre e que luta por causas sociais. Ela mostra que é dona de si e faz o que bem desejar com seu corpo, assim como Pocahontas, que renega um príncipe, pois ela deseja escolher por si só o seu destino.

Quando Elsa perde seus pais, ela se vê na condição de rainha e, tendo que assumir responsabilidades, é tudo muito bonito, pois o povo não sabe de seus poderes, da sua diferença; então, aceita-la é algo fácil. No entanto, nota-se que ela não é feliz com suas amarras. Nessa mesma direção, muitas vezes, vemos em nossa sociedade mulheres infelizes que se comportam de uma determinada maneira apenas para agradar ou porque foram criadas para ser de tal forma. De acordo com Adichie (2017), as mulheres são criadas de tal maneira que elas se tornam pessoas que fazem da falsidade algo normal. Não ser elas mesmas se torna normal, pois seus sonhos e desejos, desde cedo, não são levados em consideração e, com o tempo, tais desejos são internalizados e esquecidos para se viver aos moldes do que lhes fora ensinado.

Uma das características comportamentais dessas princesas é poder ser livre, sendo, seja para poder explorar, ou ser ela mesma, para praticar o esporte que quiser e fazer coisas que a sociedade coloca como sendo “de homens”. Essas mulheres vão contra a sociedade quando mostram que são fortes e lutadoras, que a sua felicidade está acima de qualquer comportamento esperado delas.

Tais representações mostram para as crianças e adultos que as expectativas acerca dos gêneros as privam de muitas coisas e que a sociedade nos influencia a ser e a pensar de uma determinada maneira. Em Moana, por exemplo, temos a representação de uma mulher que quer ir aonde ninguém jamais foi, pois acredita que, para ser uma boa líder e para manter sua aldeia a salvo, ela precisa fazer isso. Por fim, o filme mostra que ela era capaz de fazer qualquer coisa pelo seu povo, mesmo quando diziam que ela não poderia.

Tudo o que essas princesas fazem é mostrar para as meninas que, independentemente de qualquer coisa, elas precisam “ir atrás” do que acreditam, mostrando também que elas podem ser protagonistas nas suas histórias. Desta forma, passamos à próxima categoria de análise que trará como foco a relação de protagonismo das princesas frente aos príncipes, pais e sociedade.

6.3 DESCONSTRUINDO A IDEIA DE AMOR ROMÂNTICO

Nesta categoria serão discutidas as relações das princesas com seus pais e com os príncipes que estão presentes nas produções tradicionais da Disney. Busca-se, aqui, apresentar como se dá as relações de poder e como essas princesas descontroem alguns conceitos em suas relações afetivas.

Os contos de fadas, normalmente, seguem um padrão. Neles encontramos, por um lado, a princesa e, por seguinte, o príncipe, que é o *amor eterno* dela, mesmo quando ela nem o conhece direito; por outro lado, também temos a presença da bruxa má ou da madrasta. No entanto, eis que essas *princesas feministas* rompem com a utopia do amor romântico, pois suas histórias vão muito além de encontrar um príncipe que as salve, uma vez que elas não precisam ser salvas e suas histórias focam em outras paixões/amores.

Os amores não são necessariamente românticos¹⁰, o que torna tudo muito mais relevante, pois na vida as pessoas não vivem somente de romance, mas também de suas relações de afeto com a família, amigos, animais de estimação e com a sociedade. Uma vez que a “vida imita a arte” ou vice-versa, acabamos por nos identificar com essas produções, pois representam a realidade de muitas pessoas.

Desta forma, tais princesas apresentam diferentes formas de amor. Elsa possui um grande amor por sua irmã e no filme esse é o motivo que a faz voltar para casa e salvá-la. É difícil encontrar uma produção na qual a rivalidade feminina não exista, pois, quando não existe a presença da bruxa má ou da madrasta, as irmãs acabam sendo essa figura que representa tal rivalidade. Conforme Silva (2016), a rivalidade presente entre as mulheres nas produções é o que guia a maioria das relações entre as figuras femininas, sempre as colocando como inimigas e, assim, mostrando que a amizade é algo distante.

Frozen torna-se, então, uma das únicas produções que coloca a relação entre duas irmãs como foco principal da trama, na qual o amor entre elas é o que guia o enredo da narrativa. Já em *Valente*, há destaque para a relação entre mãe e filha. Silva (2016) coloca que essas produções, que a visão acerca da mulher, vem se (re)construindo justamente pela influência dos movimentos feministas e de suas críticas sobre as representações femininas na mídia. Essas produções mostram, com exceção de Esmeralda e Pocahontas, a dificuldade das famílias em

¹⁰ Para Pires (2009), o amor romântico é o amor entre homem e mulher, que, por vezes, se torna egoísta. Um amor construído socialmente, que se as pessoas não o alcançam elas são vistas, pela sociedade, como pessoas infelizes.

lidar com essas princesas adolescentes, transparecendo como é difícil o diálogo entre pai e filha, mãe e filha quando as “tradições” são questionadas, pois afetam nas escolhas delas e as aprisionam. Elsa é uma princesa que possui poderes, e isso assusta seus pais e ela mesma, pois eles não lidam com naturalidade e trancam-na em seu quarto, escondem-na. O medo do diferente é algo que encontramos na nossa sociedade e, por consequência, em nossas casas. Os pais tendem a esconder e não tentar entender seus filhos, e isso está evidente no filme *Frozen*.

A relação entre pai e filha é o que guia as histórias de Moana e Mulan, já que ambas querem a aprovação e honrar sua família. Moana sofre repressão do pai, que não a quer se “arriscando” em um local em que nenhum homem conseguiu chegar, uma vez que não se espera isso das meninas. Segundo Adichie (2015), não se espera que as meninas sejam ativas, não se educa elas para que sejam desbravadoras e que façam descobertas. Mulan, por sua vez, faz de tudo para honrar seu pai. Ela o vê como um herói e se sente na posição de deixá-lo feliz, o que a faz ir até uma casamenteira, mesmo não sendo algo que ela queira. Ela daria sua vida pelo amor de seu pai e isso a leva até a guerra, onde se torna a melhor e traz honra a sua família.

Os relacionamentos afetivos nessas produções mostram sempre o conflito das princesas entre ser o que esperam delas ou mudar para agradar e até mesmo honrar sua família. Mulan honrou sua família, talvez não da forma como todos esperavam; afinal, ela vai contra os padrões esperados de uma princesa, mas, da forma que ela julgava ser a certa para ela, acaba provando que pode fazer qualquer coisa.

Contudo, a insegurança acerca de questionar determinados padrões é visível no início dos filmes. Elas sabem que são “obrigadas” a seguir o que os pais já planejaram para suas vidas e, por esse motivo, sentem um certo medo de ir contra isso. No entanto, encontram nos amigos, sejam animais, irmã ou uma amiga, um suporte e incentivo. Esses relacionamentos são reforçados e mostram a importância de se ter pessoas que as entendam e embarquem na “aventura” junto com elas.

A Moana não possui um príncipe. A figura masculina é seu aliado, que possui um ego enorme, e ela precisa o convencer a trabalhar em equipe, mas não existe amor romântico, existe a vontade de salvar seu povo e uma amizade entre homem e mulher.

Curiosamente as princesas que ainda possuem a figura do homem como românticas são Pocahontas, Mulan e Esmeralda. Essas são produções antigas, o que pode ser um dos motivos da necessidade de ainda existir a figura de um príncipe. Mesmo assim, as três são muito críticas

quanto a se casar e com quem irão se casar, ou seja, elas até se casam ou encontram alguém por vontade própria, mas isso não se torna o foco de suas histórias.

Esses filmes mostram às meninas que elas podem ser felizes quando estão sendo elas mesmas e reforçam o protagonismo feminino, diferente dos tradicionais, nos quais sempre contavam com o final feliz quando o príncipe aparecia. É possível notar que elas são felizes no final, mas é porque elas estão fazendo e sendo quem elas acham certo. Nessa perspectiva, torna-se importante avaliar qual o papel da escola diante dessas produções e dessas novas visões acerca das meninas e mulheres na sociedade.

7. PROTAGONISMO FEMININO E ESCOLA: UMA COMBINAÇÃO NECESSÁRIA

Entendendo a mídia como pedagógica e a significância que atribuímos a ela, torna-se importante, como dito antes, o uso crítico dela em sala de aula, uma vez que se entende a escola como espaço social e de protagonismos. Contudo, “é importante ressaltar que o espaço escolar bem como outras esferas públicas de vivência sociais foram historicamente estabelecidas para privilegiar o gênero masculino.” (ALVEZ; GOMEZ; FELIX, 2011, p. 1). Desta forma, se faz necessário o debate sobre questões de gênero e protagonismo feminino na educação.

Sabe-se que as pessoas interagem com a mídia, uma vez que o seu papel não é de passividade. Conforme Duarte (2009), elas interagem com o conteúdo apresentado e suas representações ganham significados. Desta forma, entendo que a mídia nos apresenta determinadas formas de pensar, que nos identificamos ou não, o cinema e os filmes acabam firmando e reproduzindo alguns preconceitos, já que as produções são pensadas por pessoas que estão inseridas no meio social e possuem uma determinada visão acerca de diversas questões.

Seriam, então, os filmes, conforme Duarte (2009), um pertinente objeto de estudos aos educadores que compreendem a importância das representações e identificações que estão atreladas às produções. Nesses documentos estão presentes diversas questões de opressão, sendo elas raciais, sociais e de gênero.

Uma vez que os educadores entendem os filmes como (re)produtores de questões que encontramos na sociedade onde as crianças estão inseridas, torna-se compreensível e visível o quanto a escola pode ser também um espaço no qual se reafirmam alguns padrões. De acordo com Carvalho e Guizzo (2016), instituições como a mídia, a família e a escola, entre outros espaços, acabam por vezes ensinando determinados modelos a serem aprendidos e seguidos socialmente.

Considerando que as crianças também aprendem através de modelos que lhes são apresentados, Carvalho e Guizzo (2016) colocam que as atitudes e opiniões dos educadores também produzem conhecimentos, ou seja, suas práticas e concepções acerca de determinados assuntos também educam e podem, ou não, reproduzir estereótipos gênero. Considerando que a escola é um dos primeiros lugares onde as crianças encontram a diversidade, Silva e Luz (2010)

colocam que as relações de gênero precisam ser inseridas nos planejamentos pedagógicos, pois entendemos que as crianças se desenvolvem a partir de experiências vividas no cotidiano.

As crianças encontram meios de “burlar” as regras de comportamentos quando brincam com brinquedos que “não são” para o seu gênero. Silva e Luz (2010) colocam que as crianças estão o tempo todo tentando encontrar novas formas de negociar essas regras. São nesses momentos que os educadores irão reproduzir, ou não, alguns estereótipos de gênero.

Neste sentido, quando os educadores enxergam nas meninas uma fragilidade natural, reforça-se que o papel delas é de passividade, negando, assim, seu protagonismo dentro e fora da sala de aula. Considera-se que “as representações do masculino e do feminino com os quais as crianças se relacionam são, em grande medida, as representações de suas educadoras” (ALVEZ; LUZ, 2010, p. 24) e que as convicções sociais que os educadores têm acerca das questões de gênero irão influenciar em suas práticas.

Por exemplo, a forma como [...] a professora conversa com a menina, elogiando sua meiguice ou como justifica a atividade sem capricho do menino. O fato de pedir para uma menina a tarefa de ajudar na limpeza e ao menino para carregar algo já demonstra como as expectativas são diferenciadas. O que é valorizado para a menina não é, muitas vezes, apreciado para o menino, e vice-versa (VIANNA; FINCO, 2009, p. 272)

Quando se pensa em protagonismo feminino, não se está negando o protagonismo dos meninos na escola, mas pensando que elas precisam ter as mesmas possibilidades que eles, que sejam vistas como um ser potente em todos os aspectos. Reconhecer que elas podem fazer qualquer coisa, que eles podem brincar com um brinquedo cor de rosa e elas podem querer trocar a boneca pelo avião. Uma educação de protagonismos é a criança como foco do processo, é reconhecer que elas e eles devem ter a possibilidade de escolha, para além do seu gênero.

Desta forma, para que a escola seja um espaço de protagonismos e não de reprodução de estereótipos, se faz necessária a reflexão dos educadores e educadoras acerca de suas crenças e sua forma de ver a menina e o menino como seres completamente diferentes. A busca pela informação e conhecimento se faz necessária, uma vez que a escola está formando pessoas, cidadãos que mais tarde poderão reproduzir preconceitos e reforçar um sistema de opressões.

Contudo, é necessário ensinar a elas que ser mulher é singular, que não existe um único modelo. Elas precisam entender e criticar todos os aparatos que as aprisionam. É papel da escola e dos educadores ensiná-las autonomia. Acima de tudo, garantir a elas uma educação de

qualidade e significativa, que só vai acontecer quando os educadores tiverem clareza de que a escola é um reflexo da sociedade, é nela que acontecem as mudanças e é nela que as opressões e diferenciações devem ser repensadas.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Verificou-se, ao longo dessa pesquisa, que a mídia vem a cada dia ganhando mais espaço na vida das crianças. O tempo todo elas estão tendo contato com essa ferramenta, pois as produções infantis estão inseridas em diferentes espaços. Entendendo que a mídia retrata questões sociais em suas produções, ela acaba firmando e reproduzindo questões de gênero e, conseqüentemente, estereótipos e opressões. Entende-se, também, essas produções como pedagógicas, bem como a relação delas com as crianças e suas representações. A partir delas, é possível compreender como a sociedade se organiza, pois muitas dessas produções infantis retratam questões vividas diariamente pelas crianças, tanto na escola quanto em casa. As questões de gênero estão visíveis nas produções infantis e colaboram na formação de determinados padrões.

Assim como nas produções infantis, o gênero se faz presente na escola, no dia a dia das crianças e nas relações delas com os educadores. A escola é um dos primeiros espaços onde as crianças encontram a diversidade e aprendem a lidar com ela. Nesse espaço elas colocam em “xeque” as suas convicções, na interação com as de seus colegas e as da educadora. Torna-se, então, nessa perspectiva, importante que a escola e os educadores estejam preparados para lidar com as questões de gênero e entender seu papel na construção de protagonismos.

Falar de protagonismo feminino nos remete a dar a elas as mesmas possibilidades que são oferecidas aos meninos, é ver nelas um ser potente, ir além do gênero. O feminismo se dá através desta perspectiva, enxergar nelas potencialidade e não fragilidade, possibilitar seu crescimento para além dos padrões, ensinar a elas que somos diferentes e que essa diferença é algo a ser valorizado, pois é ela que nos faz únicos: nossa singularidade nos faz únicos.

Essas princesas mostram para as meninas que elas podem ser diferentes e que podem ir além das expectativas criadas para elas, mostram que elas podem brincar com qualquer objeto, podem fazer qualquer tipo de esporte, escolher casar ou não, usar ou não maquiagem, optar por ter qualquer profissão. Para além dessas afirmações dos filmes, elas precisam ver essas possibilidades no mundo fora da ficção, nos lugares onde elas vivenciam esses momentos, e um desses lugares é a escola, a sala de aula, no contato com os educadores e com os colegas.

Por este motivo, a educação, o feminismo e a mídia precisam ser grandes aliados na formação social das crianças e no desenvolvimento de um ser crítico. Conforme Carvalho e

Guizzo (2016), a escola é um dos espaços que reafirma padrões. Neste sentido, então, é também atribuído à educação e aos educadores o desafio de rever suas práticas e conceitos já estabelecidos socialmente e reforçados na mídia, para que, de fato, ocorra o protagonismo feminino e que se reforce a representação das diferentes formas de “ser mulher”.

Por fim, como uma pesquisa futura, seria interessante entender como as educadoras e educadores entendem as questões diárias sobre a temática do gênero e como lidam com tais questões na sala de aula, no dia-a-dia com as crianças. Pesquisar também se existe formação e informação sobre as desigualdades de gênero e como elas vêm se construindo histórica e socialmente também seria outro possível encaminhamento a partir dessa pesquisa.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Para criar crianças feministas: um manifesto**. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos Todos Feministas**. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- ALVEZ, Juliana Ferreira; GOMEZ, Jorilene Barros da Silva; FELIX, Jessica Gleyce dos Reis. **A construção de gênero e identidade no espaço escolar**. João Pessoa – PR, 2011.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Portugal: Edições, 2010.
- BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo sexo: fatos e mitos**. 4 ed. Difusão Européia do Livro, São Paulo, 1970.
- BREDER, Fernanda Cabanez. **Feminismo e os príncipes encantados: a representação feminina nos filmes de princesa da Disney**. Rio de Janeiro. 2013.
- CARVALHO, Rodrigo Saballa; VARGAS, Juliana Ribeiro de. **Protagonismo feminino e relações afetivas vivenciadas no recreio escolar dos Anos Iniciais: problematizando discursos docentes**. **Educação: Teoria e Prática**, Rio Claro, v. 25, mai-ago. 2015.
- CARVALHO, Rodrigo Saballa de; GUIZZO, Bianca Salazar. **Políticas curriculares de Educação Infantil: Um olhar para as interfaces entre gênero, sexualidade e escola**. **Revista da FAEEDBA – Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 25, n. 45, p. 191-201, jan./abr. 2016.
- CORAZZA, S. M. **Manual infame... mas útil, para escrever uma boa proposta e tese ou dissertação**. In: BIANCHETTI, L.; MACHADO, A. M. (orgs.). **A bússola do escrever: desafios e estratégias na orientação de teses e dissertações**. Florianópolis: Ed. da UFSC; São Paulo: Cortez, 2002.
- CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A.; DA SILVA, R. **Metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Pearson, 2007.
- CORSO, Diana Lichtenstein; CORSO, Mário. **Fadas no divã: Psicanálise nas Histórias Infantis**. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- CORREIA, Rita Mira. **O arquétipo da princesa na construção social da feminilidade**. FCSH. Universidade Nova de Lisboa, set. 2010.
- DUARTE, Rosália. **Cinema e educação**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.
- GIROUX, Henry A. **Os filmes da Disney são bons para seus filhos?** In: STEINBERG, Shirley R.; KINCHELOE, Joe. (Org.). **Cultura Infantil: A construção corporativa da infância**. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

KETZER, Solange Medina. A criança, a produção cultural e a escola. In: JACOBY, Sissa. (Org.). **A criança e a produção cultural** – do brinquedo à literatura. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2003.

KINDEL, Eunice Aita Isaia. **Ensaio em estudos culturais, educação e ciência**: A natureza do desenho animado ensinando sobre o homem, mulher, raça, etnia e outras coisas mais. 1 ed, Porto Alegre: Editora UFRGS, 2007.

MAIA, Cláudia; MAIA, Renata Santos. **A (des)construção do gênero nos filmes Shrek**. história, histórias. Unimontes. Brasília, v. 2, n. 4, 2014.

MAGALHÃES, Cláudio M. Criança e televisão: Uma relação superpoderosa. In: JACOBY, S. (Org.). **A criança e a produção cultural**: Do brinquedo à literatura. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2003. p. 113- 135.

MOREIRA, H.; CALEFFE, L. G. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

PIRES, Suyan. O gênero na escola: representações imagéticas nos livros didáticos. In: SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. (Org.). **Estudos culturais para professor@s**. Canoas: Ed. ULBRA, 2008. p. 55-66.

PIRES, Suyan Maria Ferreira. Amor romântico na literatura infantil: uma questão de gênero. **Educar**, Curitiba, n. 35, p. 81-94. Editora UFPR, 2009.

ROWLAND, Robyn; KLEIN, Renate. Feminismo radical: história, política, ação. In: _____ *Radically Speaking: feminism reclaimed*. North Melbourne, Victória: Spinifex Press, 2013. p. 9- 17.

SANTOS, Luís Henrique Sacchi dos. Biologia, Gênero e Tênis de alta tecnologia na definição das diferenças entre homens e mulheres. In: SANTOS, Luis Henrique Sacchi dos et al. (Org.). **Formação de professores em um mundo em transformação**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2014. p. 182-196.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, vol. 16, no; 2, Porto Alegre, jul./dez. 1989.

SCHMIDT, Saraí. De olho na mídia. In: _____ (Org.). **A educação em tempos de globalização**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p. 61-64.

SILVA, Isabel de Oliveira e; LUZ, Iza Rodrigues da. Meninos na educação infantil: o olhar das educadoras sobre a diversidade de gênero. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 34, p. 17-39, 2010.

SILVA, Ivana Carolina Santos da. **Sororidade e Rivalidade feminina nos filmes de princesa da Disney**. Universidade de Brasília. Departamento de jornalismo, 2016.

VIANNA, Claudia; FINCO, Daniela. Meninas e meninos na Educação Infantil: uma questão de gênero e poder. **Cadernos Pagu**, v. 33, jul-dez, 2009.

FILMOGRAFIA

Filme: *Frozen*¹¹

Data de lançamento: 3 de janeiro de 2014 (1h 42min)

Direção: Chris Buck, Jennifer Lee

Elenco: Fábio Porchat, Kristen Bell, Idina Menzel

Gêneros: Animação, Aventura, Família

Nacionalidade: EUA

Filme: *Moana*

Data de lançamento: 5 de janeiro de 2017 (1h 47min)

Direção: John Musker, Ron Clements

Elenco: Auli'i Cravalho Dwayne Johnson, Alan Tudyk

Gêneros: Animação, Família

Nacionalidade: EUA

Filme: *Mulan*

Data de lançamento: 1 de julho de 1998 (1h 28min)

Direção: Tony Bancroft, Barry Cook

Elenco: James Hong, Thierry Ragueneau, George Takei

Gêneros: Animação, Aventura

Nacionalidade: EUA

¹¹ As informações de Data de lançamento, Direção, Elenco, Gênero e Nacionalidade foram retiradas do site <http://www.adorocinema.com/filmes/numero-cinemas/>

Filme: *O Corcunda de Notre-dame*

Data de lançamento: 28 de junho de 1996 (1h 31min)

Direção: Gary Trousdale, Kirk Wise

Elenco: Tom Hulce, Kevin Kline, Jim Cummings

Gêneros: Animação, Drama, Família

Nacionalidade: EUA

Filme: *Pocahontas*

Data de lançamento: 7 de julho de 1995 (1h 22min)

Direção: Mike Gabriel, Eric Goldberg

Elenco: Irene Bedard, Mel Gibson, Linda Hunt

Gêneros: Animação, Aventura

Nacionalidade: EUA

Filme: *Valente*

Data de lançamento: 20 de julho de 2012 (1h 35min)

Direção: Mark Andrews, Brenda Chapman

Elenco: Kelly Macdonald, Billy Connolly, Emma Thompson

Gêneros: Animação, Aventura, Comédia

Nacionalidade: EUA